

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: Augusto Rocha,

Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, B. Machado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Reis Damaso, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 12

Julho — 1882

1.º anno

José Cypriano da Costa Goodolphim

A biographia é a historia de um homem, Escrever historia é narrar factos; homens ha, porém, que escondidos na sua modestia não deixam que a sua historia venha a lume, não deixam que factos que nobilitam, ambicionados por quem deseja o pregão publico para passar ao registo dos notaveis —, possam servir de elemento para que a historia seja completa e a homenagem testemunhada por eloquentes demonstrações. Costa Goodolphim é d'estes homens.

Mas quando os actos se reflectem e os acontecimentos denunciam energias, forçoso é que procuremos a origem de taes manifestações que accusam uma grande vontade e uma bem applicada observação.

Pouco sei da vida de Costa Goodolphim, são mui recentes as minhas relações com aquelle cavalheiro, mas acostumado desde muito a ouvir pronunciar o seu nome com respeito nas associações, pelos operarios, por apostulo reconhecido da democracia, sendo na imprensa o seu nome saudado com justas e honrosas apreciações, e ainda no estrangeiro Costa Goodolphim apreciado com louvor e distinguido como merece, procurei saber quem era este homem.

Aproximei-me d'elle mesmo sem apresentação. Sabia que era republicano, elle tambem sabia que eu era dos voluntarios pela causa popular.

Estas afinidades bastaram para travarmos relações. Delicado em extremo, Costa Goodolphim, facil me tem sido encontrar-me com elle muitas vezes e entretermos largos momentos em boas palestras onde o seu espirito reflecte sempre a candura das almas boas, e as suas theses, desenvolvidas correntemente, como quem es-

tuda e sabe assimilar os conhecimentos adquiridos, denunciam quanto vale a fina percepção do nosso biographado e de que quilate é o seu talento:



JOSÉ CYPRIANO DA COSTA GOODOLPHIM

Costa Goodolphim é trigueiro, baixo, fransino. As suas barbas pretas dominadas por uma larga testa, trazem-n'os á mente uma bonita cabeça de homem sobre um delicado corpo de dandy dos boulevards. De apparencia triste, olhares expressivamente melancolicos, poucas vezes

sorri; parece que a austeridade do velho se estampára na sua physionomia de rapaz.

Falla pouco, até parece acanhado e tímido, mas quando falla e, se sente no meio de amigos sentimos prazer em o ouvir, aprendemos sempre das suas boas praticas, amenas, se descreteia pelas largas espheras da litteratura, interessantes e scientificas, filhas de longa observação e experiencia se trata de assumptos economicos e sociaes.

Forma-se o espirito na educação da familia como se apura a intelligencia na pratica; mas Costa Goodolphim é a viva reacção contra velhos prejuizos que lhe rodearam o herço e soube aproveitar o estudo para a boa norteação da intelligencia.

Descendente de familias fidalgas que prestavam culto aos pergaminhos de avos e para quem a tradição era verdade revelada, Goodolphim herdou de seus paes os brios cavalheirosos que lhe foram alento no meio da pobreza, e aprendeu nos livros os preceitos da moderna heraldica que se resumem em: honradez, trabalho democracia e progresso.

Assim quando em 1860, com 15 annos apenas, tendo concluido todos os estudos preparatorios e o primeiro anno de mathematica se viu sem meios para continuar os seus estudos de sciencias e artes a que se dedicava, Goodolphim arrumou os livros, calou dentro do peito as aspirações para os vastos campos da sciencia e foi-se em demanda do trabalho digno e honrado, que encontrou na companhia do gaz, onde desde então até hoje, se tem conservado.

Vão ao meio dos industriaes e operarios d'aquelle importante estabelecimento, perguntem a uns e outros por Goodolphim

que ouvirão de todos a historia singela de um empedrado trabalhador, bem quisto e honrado.

Prevenidas as necessidades da vida, a Goodolphim sobrava algumas horas do dia e tinha os longos serões do inverno. Abominava a ociosidade, o seu temperamento empurrava-o para um labutar constante. Voltou ao estudo. Não acordou o Francœur, não quiz saber de equações, integrações, logaritmos, potencias, formulas trigonometricas ou geometricas; entregou-se á litteratura. Assim, logo em 1861 o vimos entrar pela mão das musas no campo da poesia.

Em 1861 publica no semanario *Estrella d'Alca* os seus primeiros versos e seguidamente dava os dois volumes de poesia — *Sepulchro de Perro* traduzido do sueco — *Paginas soltas* — *Lendas Arabes* — *Visita a Madrid*, e apparece-nos collaborando em quasi todos os jornaes, redigindo o *Ensaio Litterario* — *Censura* — *Miscellanea* e outros.

Com decididas tendencias para a doutrina republicana estreou-se politicamente na redacção da *Republica Federal*, de que fez parte até que em 1871 o vemos elevado ao cargo de vice-presidente do Centro Democratico, fundado em 22 d'agosto de 1871, por elle, José Maria Chaves e outros, e recentemente honrado com a eleição de presidente do conselho executivo do *Club federal Vieira da Silva* de que foi fundador.

N'este campo da politica esfriou um pouco a sua actividade litteraria, mas não perdeu o tempo; applicou a sua intelligencia a outros estudos onde tem prestado relevantes serviços ao paiz na coordenação de factos que mais tarde hão de ser valiosos subsidios para a historia das associações portuguezas.

Os seus livros *A Associação* (historia e desinvolvimento das associações portuguezas), *As Cuiças economicas*, e varios opusculos, que tem publicado sobre assumptos associativos e economicos deram a Goodolphim a feição de profundo observador e o logar do mais distincto apostolo pelo principio da associação.

Tão notaveis tem sido os serviços prestados por Goodolphim ás associações portuguezas que o seu nome é conhecido no estrangeiro, onde o consideram como um dos nossos economistas, e tão apreciado é este nosso concidadão por notaveis agrupações, que ainda ha pouco foi distinguido pela *Sociedade das instituições de previdencia*, de França, com o diploma de socio correspondente.

Em Portugal raro é encontrar-se uma associação onde Goodolphim não seja conhecido e onde o seu nome não seja pronunciado com respeito, onde o seu conselho não tenha chegado. É socio honorario e de merito de grande numero de associações portuguezas e tambem possui titulos com que o tem honrado algumas associações estrangeiras, que têm encontrado em Goodolphim um informador conciente do estado das associações portuguezas.

Companheiro ainda de Vieira da Silva, nas famosas lides que se travaram no centro promotor das classes laboriosas, apren-

deu d'elle quanto vale a perseverança e tenacidade para se vencer uma causa justa, aprendeu que as resistencias contra os grandes principios são nullas e desaparecem completamente diante de uma vontade de ferro, como tinha Vieira da Silva, aquelle grande espirito, aquelle orador temido pelos conservadores do seu tempo, bem quisto por quantos o cercavam animados das mesmas aspirações, dominados pelo nobre intento de iniciar a regeneração do proletariado, e das classes medias por meio da agremiação, do auxilio mutuo, da economia estabelecida, como lei, da somma de esforços, em fim, para servirem uma boa causa.

Foi no meio d'este esplendido movimento da associação em Portugal que Goodolphim appareceu para o seguir tenazmente, sem descanço, trabalhando sempre, continuadamente.

Desde então que dedicou os melhores momentos, em que podia descançar das fadigas de outros labores, ao serviço da associação em Portugal. Relatôr dos conselhos de instrucção em varias associações serviu com grande amor a causa da educação popular; organisador de muitas bibliothecas contribuiu dedicadamente para a propaganda do estudo nas associações. A bibliotheca do *Centro promotor* foi organisada e devida a esforços de Costa Goodolphim, as das associações *Civilização Popular* e *Gremio Popular* tambem por elle organisadas attestam quanto interessava ao nosso biographado a instrucção do povo.

O *Gremio Popular* tão reconhecido ficou pelos trabalhos de Goodolphim que lhe conferiu o diploma de socio benemerito.

No campo da instrucção ainda se manifestou preleccionando sobre questões sociaes e economicas no *Gremio Industrial* e leccionando um curso de historia no mesmo Gremio.

Ultimamente nos trabalhos preparatorios para a reunião do congresso das Associações portuguezas mostrou quanto pondê a sua vontade persistente e energica para que tal congresso se celebrasse da forma imponentissima porque se celebrou.

Na organização d'aquella festa civilisadora, interessante sob todos os pontos de vista, encontrou Goodolphim vasto campo para a applicação das suas aptidões e intelligencia.

Trabalhou desde o centenário de Camões, dois annos, e contribuiu com uma parte importantissima para que o congresso se realisasse a despeito de quantos embaraços se levantavam, e de quantas más vontades quizeram obstar, a que se reunisse aquelle parlamento das associações.

Costa Goodolphim teve a honra de presidir á sessão solemne inaugural onde pronunciou um discurso de abertura que foi festejado com applausos geraes. A primeira proposta que se discutiu foi d'elle, considerada como a mais importante do programma, e por ultimo foi eleito para a *Junta departamental do Sul*, onde desempenhara logar importante, como sempre tem desempenhado em todas as commissões de que tem feito parte.

Costa Goodolphim nasceu a 3 de novembro de 1844 em Marvilla.

F. T.

A questão egypcia

Quando presencialmente ou através d'algumas das innumeradas publicações sobre a antiguidade egypcia se contemplan as singulares construcções do povo prodigioso que durante quarenta seculos vivificou o nordeste da Africa e que educou a Grecia, e se coteja o esplendor d'essa remota civilização com o estado atrozmente miseravel dos actuaes coptas e fellahs, legitimos descendentes do Egypto pharaônico, não se pôde deixar de sentir tão systematica escravidão sob o dominio d'uma raça intrusa na Europa aryaná, e senhora d'essas tres bellas paysagens: o Danubio, o Bosphoro e o Nilo.

O fellah é o pária do Egypto. É um servo, um ilota, um vencido, alguma coisa que nasce, vive e morre como um homem mas não chega a sel-o, dizia um nazir turco a Maxime du Camp.

Tem por habitação uma choça de palha e terra e muitas vezes a entrada dos hypogeos onde lhe serve de leito uma esteira primitiva e ás vezes por mobilia uma area de argila coberta com a tampa d'algum caixão de mumia; exploram o fundo das cavernas funerarias para colherem algumas reliquias historicas que cedem aos viajantes a troco d'um pequeno obulo; na estiagem manejam noute e dia os sakihs que lhes regam as pequenas searas; no delta pescam por um processo primitivo, afadigados, famintos, mergulhados na agua até a cintura, os peixes que por pequenissimo preço vão abastecer as mesas dos seus senhores turcos; desconhecem a origem das maravilhosas ruinas que os cercam e para não morrerem de fome prestam-se ás maiores fadigas e negociam por duas ou tres libras a virgindade das filhas.

No tempo das colheitas, refere Maxime du Camp, o nazir turco chega ás povoações e compra as cearas por um preço que arbitra e paga em papel-moeda. Realizada a colheita o nazir volta a cobrar as contribuições, arbitrarías tambem, exorbitantes. Desgraçado do lavrador que pagar com o papel-moeda que recebeu, porque o nazir exige metal sonante, sob pena de chibata.

Quando a povoação o não possui é preso o menos pobre da aldeia e martyrisado á paulada até que o dinheiro appareça, sob pena de o abandonarem á fome até morrer e de repetir-se a operação em cada lavrador da aldeia. Tal é a sorte do fellah, pouco menos hisongeira que a de seu irmão copta, o burguez do Cairo.

E, todavia, nas veias d'esses milhares de desgraçados corre o sangue d'esse povo unico e espantoso que construiu tantas maravilhas ainda hoje imitaveis para a Europa.

Que valen, com effeito, as dockas da Inglaterra e os pontões da Hollanda diante dos diques do lago Moeris?

Que valen as columnas e as estatuas das praças europeas junto dos monolithos

de 300 metros e das esphinges colossaes laeando ruas de dois kilometros? Que vale a Bavaria de Munich ao pé do colosso do Ramesseum? Que vale o tunnel do Ceniz ou de S. Gothard comparado com o trabalho assombroso das pyramides, dos hypogeos e das necropoles?

Mas se a nossa civilisação perdeu as esperanças de egualar as maravilhas architectonicas do Egypto, o progresso social e moral d'hoje perdeu de vista a estreitissima educação mental do sacerdocio e da aristocracia pharaonicas.

Em nome, pois, d'uma e d'outra civilisação, as esquadras franceza e ingleza que agora estacionam nas aguas d'Alexandria, devem operar energeticamente em favor, não d'um *statu quo* que é deshonroso para a civilisação, mas d'um povo cuja ascendencia é nobilissima e cuja actualidade é o extremo da miseria e da ignorancia. Não fique a Europa e especialmente a França de Champollion e Mariette a olhar para o Nilo como Oedipo para a esphinge. E preciso salvar o fellah e restaurar o Egypto.

Chamusea, junho de 1882.

J. d'OLIVEIRA GANCHÁ.

SONETO

Foi a Italia a matrona que algum dia os Cezares dotou com meio mundo; e Roma foi tambem seio fecundo onde os labios collára a tyrannia.

Era a espada co'a cruz de paraceraia; e principe cruel, o padre imundo tentado aniquillar um ai profundo que jámais entre os povos se extingnia!

Mas um novo clarão em França brilha: caem tiras, caem sceptros, caem arminhos com um estrodo tal, que é maravilha.

E desta rotação já se não sae! Garibaldi traçou nos os caminhos por onde a Italia avança e Roma cae!

GERMÃO VENDRELL.

O Pharisaismo official

Os poderes publicos são em Portugal muito escrupulosos e correctos sob o ponto de vista catholico. Confessam-se uma vez ao menos em cada anno, ouvem missa aos domingos e dias santos de guarda, compram bulla pela quaesma, jejuam em certos dias, lêem o ripaço na semana santa, acompanham de quando em quando o viatico, cumprem em summa os principaes mandamentos da *santa madre egreja* catholica e romana.

Mas cumprirão elles os mandamentos da lei de Deus? Serão elles religiosos no sentido etymologico e elevado da palavra?

Se a religião consistisse apenas na observancia dos preceitos da egreja; se ella podesse reduzir-se ás estreitissimas proporções d'um esteril formalismo, então seriam os directores dos destinos portuguezes profundamente religiosos.

Como porém a religião é alguma coisa mais do que foi definido pela egreja; como ella se não limita a vans e ridiculas representações theatraes, antes se traduz na realisação sincera e integral dos prin-

cipios da razão, da justiça, da moral, e especialmente da solidariedade humana, nos podemos proclamar bem alto que os poderes publicos, são em Portugal a mais pronunciada negação do sentimento religioso.

E eis porque:

Os poderes publicos devem pela sua alta posição dar o exemplo da lealdade conjugal, e elles vivem em mancebia escandalosa com mulheres venaes. Os poderes publicos devem na sua qualidade de mandatarios administrar o paiz com economia, circunspecção, e honradez, e elles só curam d'opprimil-o, e d'espolia-o infamemente. Os poderes publicos em summa; como representante da lei, devem ser mais do que ninguém justos e honestos, e elles estão todos os dias affrontando a justiça e a moralidade publica com as suas libertinagens, as suas tyrannias, e as suas depredações.

E no entanto os que assim procedem, só porque se embrulham na capa da hypocrisia, dizem-se muito tementes a Deus, e os únicos respeitadores da religião, da familia, e da propriedade! Vão ainda mais longe na sua imprudencia: aleu-nham d'impios, de perversos, e d'immo-raes os homens sãos e ativos que ha muito trocaram o culto esterelizador e fatal do catholicismo pelo da honra, da justiça, e da liberdade.

Tal é a situação politica religiosa nas suas linhas geraes.

Era tambem este o estado de coisas na Judea, ha 1882 annos. Então, como hoje, os que se não curvavam perante a tradição mosaica, os que se revoltavam em nome da consciencia humana contra a odiosa exploração, exercida sobre o povo pela seita dominante, a dos phariseus, eram apontados como homens perigosos, e votados á vindicta dos tribunaes. E, se hoje não são amarrados ao poste ignominioso, em que foi assassinado o doce filho de Maria, o modelo dos grandes e sinceros revolucionarios, é por que são outros os tempos, é por que o povo levanta de quando em quando a cabeça; e faz estremecer de terror os seus infames exploradores.

Por isso os tartufos, os novos phariseus, se limitam a enterrar por alguns dias nas immundicies do Limociro os cidadãos, que se respeitam o sufficiente para se não inclinarem, nem desbarretarem perante as ridiculas exhibições catholico-pagans.

J. JACINTHO NUNES.

A PENA DE MORTE

Bastante tempo levará primeiro que a evolução tenha passado a sua acção reformadora por cima de todas as leis retrogradadas e desmoralisadoras. Será preciso o rodar dos seculos, durante os quaes se ganhe dia a dia um palmo de terreno para ter feito baquear todo esse edificio caduco de archeologicos costumes, dando lugar a uma camada nova, cheia de vida pura e

sentimentos elevados. Será preciso o martellar de espiritos gigantes, muitas vezes martyres da ideia que advogam, de transformações politicas e sociaes e enfim de um progredimento geral na parte intellectual e moral da humanidade.

Entre muitas leis que se acham nos codigos de todos os paizes, encontra-se uma que os meus sentimentos de 20 annos custam a crer na sua existencia. E' a pena de morte! O direito de se assassinar oficialmente um homem! Nada mais selvagem, nada mais retrogrado, nada mais desmoralisador! Mata-se criminosamente e mata-se legalmente! Perde-se a vida n'uma estrada solitaria pelo effeito d'um tiro de arcabuz ou d'um golpe de navalha, e egualmente se a perde n'uma praça publica, aos olhos pasmados de toda uma população que contempla absorta as atribulações do enforcado!

Mas com uma differença; o assassino quando assalta o viajante e o mata, arisca-se a ser victima, e não sabe se elle tem mulher, se deixa os filhinhos entregues muitas vezes á fome e á miseria, ao passo que a lei que o assassina impunemente sabe tudo, sabe-o, porque o julgou, porque conhece a sua familia e a desgraça em que vão ficar a viuva e os orfãos! E barbaro! Altamente incomprehensivel que no seculo XIX e em paizes que se dizem civilizados, exista ainda uma lei tão infame. A pena de morte não é uma punição, é uma vingança!

Pois o que resulta da sua applicação? Duplicar-se o numero de assassinações e acostumar-se o povo a ver com sangue frio o assassínio! Um crime e uma desmoralisação, que tambem é um crime!

Custa a crer que se veja subir um homem ao patibulo, atravessarem-lhe uma corda ao pescoço e fazerem-n'o pernear no ar, sem que a gente sinta uma força impulsionalista que nos leve a salvar aquelle ente que tem direito á existencia porque é um homem!

A imaginação confunde-se, as nossas ideias emaranham-se e em vão nos esforçamos para comprehender esse delicto! E' muita selvageria para a percepção de um espirito lucido, é muita perversidade para os vinte annos cheios de fé e de visões puras!

ARN.

INSTRUÇÃO E ULTRAMONTANISMO

Luz, muita luz
GOTTFE.

Todos sabem qual o atrazo intellectual do povo portuguez e é portanto, inutil encher papel com a descripção d'aquillo que todos mais ou menos sabem.

Que em Portugal não ha instrução é, pois, um axioma horrivel para nós todos que pensamos e que pensamos livremente, como se deve pensar no seculo XIX. N'este ponto eu e todos que me leem estamos perfettamenteemente de accordo, creio eu.

Instrução é coisa que ainda não soube onde nós moravamos para nos vir visitar.

Ao passo, porém, que não temos escolas para o povo, tanto litterarias como

profissionais, que não temos bibliothecas nem muzeus, temos outra coisa que no entender dos nossos governantes supre bem, muito bem, a falta da luz que dimana da escola. Se escasseiam, se mesmo não temos, as escolas que nos são tão necessarias, temos os hospícios das irmãs da caridade, temos os institutos dos padres lazarietas!

Se não temos uma unica escola de artes e officios, temos em compensação muitas escolas de vadiagem e de expoliação, temos o convento-seminario da Formiga, temos Campolide, temos Cocujães, temos Bemfica, temos o *sagrado* harem do Sardo em Gava, temos os covis da Bandeirinha e das Aguas-Ferreas no Porto, e temos uma immensidade de estabelecimentos do genero d'esses que deixo apontados acima. Vamos. Não de concordar que ainda não somos mal governados de todo! Não de concordar que não é possível haver de tudo e a contento de todos! Temos os collegios jesuiticos, casas de *manos e manas*, é claro que não podemos ter escolas! Sim, isto é claro como agua — dizem *elles* — e é claro como a batina d'um padre — digo eu.

Os leitores decidam quem é que terá razão.

Continuemos.

Os professores de instrucção primaria, esses desgraçados que para ahí arrastam uma existencia humilhante e desoladora, não são cá precisos para ensinar. Era melhor que fossem fazer a limpeza das ruas — e talvez não passassem tanta fome! E triste mas verdadeiro.

Pois n'uma nação onde as aulas *catholicas* estão dispersas em quasi todas as ruas das suas cidades, nos pontos mais centraes das suas aldeias, fazendo-nos os directores, fêmeas e machos, d'essas aulas, o obsequio de nos ensinarem os filhos de graça e ainda lhe darem de comer, para que diabo precisam as camaras municipais de pagar aos professores?!

Os factos estão quotidianamente dando-me razão. Diariamente recebemos a noticia de que os professores d'este ou d'aquelle concelho tem os pagamentos atrasados, que este ou aquelle professor abandonou a aula por que lhe não pagavam o seu trabalho, que um ou outro professor requer o logar na companhia braga de qualquer alfindega para se *entreter* nas horas vagas! E claro que se lhe dão pouco ordenado é porque entendem que elles não merecem mais! Se lhe não pagam, nem mesmo esse pouco, é porque se convenceram que elles não são precisos!

Pois se elle ha tanta escola *catholica*!

A quem devemos nós este estado de coisas realmente repugnante? Não sabem? Eu lhes digo.

É a ineracia dos governos todos que se tem succedido nas altas regiões do poder. São elles, sim, são elles que tem a culpa por terem consentido que a raça vil dos abutres de Santo Ignacio viesse fazer ninho entre nós. Consentido, disse eu! Consentido e até dispensado a sua protecção. Porque ninguem pôde negar — pois que, contra factos não ha argumentos

— que os governos portuguezes tem protegido o jesuitismo. Veja-se a historia do ministerio, Avila, Sampaio, a d'este, a de todos finalmente.

Os *elevados* personagens que *encobrem* muita coisa, não podiam deixar de cobrir os inimigos da liberdade. Nem era licito esperar outra coisa. Os que vivem da ignorancia dos povos auxilliam-se mutuamente. . . . isso *faz-lhes arranjo*. E a *capa*... é grande . . .

A nós, aos pensadores, é que nos incumbem o seculo uma honrosa missão a que não devemos negar-nos. Fundemos associações de instrucção, escolas e mais escolas, realizemos o grande e philosophico pensamento que se prescrua nas palavras de Goethe—luz, muita luz eis o que é preciso, eis o que nós devemos fazer, eis o que nós faremos.

Se os padres, essas nojentas nodoas negras que mancham o mundo, tem o pulpito, o confissionario e a escola, façamos nós a propaganda contraria ás suas perniciosas doutrinas, pela conferencia, pelo jornal, pelo livro economico, pela bibliotheca e sobre tudo pela *ESCOLA*.

O futuro recompensará os nossos sacrificios fazendo-nos justiça, condemnando-os a elles e inscrevendo os nossos nomes no livro imperecidouro dos grandes feitos victoriosos. Que ninguem d'entre nós se esqueça de que é preciso luz, muita luz.

Porto 1882.

Ciriacus.

CHRONICA

O facto palpitante da semana foi a condemnação dos nossos presados correligionarios e amigos da *associação escolar Fernandes Thomaz*, drs. José da Cunha Castello Branco Saraiva, João Rodrigues dos Santos, e srs. Eduardo Nunes da Motta e Victorino Proença.

Meu amigo, a justiça deixou de ser cousa seria entre nós. É conveniente que tu registes o singular acontecimento de, no anno da graça do Senhor de 1882, ter existido em Portugal um juiz — um bom e santo juiz! — que condemnou em DEZ DIAS DE PRISÃO E CUSTAS QUATRO HONRADISSIMOS MOÇOS pelo nefando crime de, a expensas suas e dos seus amigos, sustentarem uma escola para os filhos dos seus associados.

Registra mais, meu caro, que, ao passo que os srs. Fontes, Braamcamp, e Dias Ferreira presidem a clubs politicos, perfeitamente *ao abrigo da lei* e em plena liberdade, condemnam-se *quatro homens de bem*, porque tiveram a velleidade de concorrer para o derramamento da instrucção no nosso paiz.

A tal época chegámos já que são *criminosos* os fomentadores da instrucção, ao mesmo tempo que são *benemeritos* os promotores de *salamanca*das immoralissimas. . . .

Zé-povinho, meu velho amigo: — olho vivo e benzala na mão. Não sei se me percebes? Mas, ou me percebas ou não, nada ha mais facil do que possuir um bom e rijo marmelleiro.

Muitos milhares de pessoas foram visitar os nossos amigos ao Limoeiro. No ultimo *meeting* houve manifestações calorosas, a favor d'esses adoraveis caracteres, nossos confrades.

O direito de reunião existe garantido pelo decreto, com força de lei, de 15 de junho de 1870. Os indícios da existencia de uma associação só se referiam ao pagamento de subscrições para manter a mesma escola. Pode por isso haver reuniões, sem que ellas de modo algum signifiquem a completa existencia de uma associação. E era com effeito o que se dava n'este caso. Mas o sr. juiz a nada attendeu, e preferiu converter o poder judicial em instrumento do poder executivo, o que é profundamente lastimavel e significativo, porque denota o grau de abjecção e de decadencia a que chegámos.

A questão era mettel-os no Limoeiro, porque eram republicanos! E assim foi!

A sua sabida porém, foi imponentissima. Muitas dezenas de trens foram-n'os esperar. Homens de todas as côres politicas foram pessoalmente prestar as suas respeitosas homenagens a esses quatro condemnados, nossos correligionarios entre os quaes se contam dois medicos distinctos e dois commerciantes muito acreditados.

Prepara-se-lhes um grande jantar, assim como se preparavam as mais calorosas adhesões ao illustre republicano Silva Lisboa, caracter inquebrantavel e consciencia activa, no caso de elle ter sido condemnado.

Esperemos pelo resto que tudo é preciso.

SILVIO.

EXPEDIENTE

Com o presente numero terminam as assignaturas de seis mezes, por isso pedimos aos nossos estimaveis assignantes que desejarem continuar, a fineza de mandarem renovar as mesmas, para não soffrerem interrupção na remessa, pois como sabem é uma das clausulas do nosso programma não enviar o jornal sem que esteja previamente pago.

A administração.

A *Galeria republicana*, grata ao respeitavel publico pela sympathia que lhe tem dispensado, resolveu publicar um almanach do seu titulo para 1883. Para esse fim pede a todos os correligionarios, e muito particularmente aos seus illustres collaboradores, a fineza dos seus escriptos para o mesmo, até ao dia 15 do proximo julho.

No proximo numero daremos o retrato do sr. doutor Theophilo Braga.